
ESCRITAS DE MULHERES NEGRAS: EXERCÍCIOS DE ESCREVIVÊNCIA E DE RE(EXIS) (SIS)TÊNCIA


BLACK WOMEN'S WRITINGS: EXERCISES OF SCRIPTURE AND RE(EXIS) (SIS)TENCY





Dossiê

Ressonâncias de escrituras:
literatura, antirracismo e educação
literária

Organizadoras:

 Dra. Adriana de F. A. L. Barbosa

 Dra. Milena Britto de Queiroz

 Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

v. 30, n. 57, dez. 2021
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v30i57.38376

Fluxo da Submissão

Submetido em: 05/06/2021

Aprovado em: 14/12/2021

Distribuído sob



Florentina Souza

floraufba@gmail.com

Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do ILUFBA e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (CEAO-UFBA). Publicou, em 2005, o livro *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Em 2016, concluiu o estágio Pós-doutoral no *Graduate Center da City University of New York*. Coordena o projeto *EtniCidades: escritoras/es e intelectuais afro-latinos*.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O presente ensaio, a partir de leitura de textos de escritoras negras contemporâneas, propõe-se a apresentar um breve panorama dos exercícios empreendidos pelas escritoras negras para inserir-se no quadro de produção literária brasileira através da criação de escritas que recusam a estereotipia e a normatização de suas experiências.

Literatura brasileira; Literatura negra; Escrita de mulheres negras.

This essay is based on the reading of texts by contemporary black women writers that proposes to present a brief overview of the exercises undertaken by black women writers to insert themselves in the framework of Brazilian literary production through the creation of writings that refuse stereotypy and the normalization of their experiences.

Brazilian literature; black literature; black women writing.

O século XXI tem testemunhado a presença de várias mulheres negras na cena literária brasileira, em prosa e verso, elas têm se apossado do sistema de representação para nele inserir suas vozes, corpos, performances e interpretações de si, do seu grupo e do Brasil.

Em livros individuais, antologias, sites, blogs e redes sociais pessoais as escritoras negras anunciam que seus desejos, sonhos, falhas e sucessos devem ser expressos por elas mesmas, reagindo à articulação empreendida pela cultura, literatura, produção de conhecimento para tentar silenciar suas vozes. Assim, definem um projeto de escrita calcado nas suas vivências no qual, segundo a pesquisadora Ana Rita Santiago:

desenham-se discursos em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, forjam uma escrita em que (re) inventam sentidos, para si e para outros/as, e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. A escrita, desse modo, desponta como uma ação transgressora, em que se anulam possíveis significados estigmatizantes e se insinua outras possibilidades de leituras de significantes, do construir-se mulher, do vivido e do porvir. (ATLÂNTICA, 2010, p.100)

Tal projeto pode ser vislumbrado nas diversas produções de escritoras negras de ontem e de hoje que a partir de suas variadas experiências desejam compartilhar a riqueza de histórias e fábulas interiorizadas.

A existência de uma poesia escrita por mulheres negras, poesia afrofeminina como define Ana Rita Santiago, ou ainda poesia feminina afrodiáspórica, literatura feminina amefricana, literatura feminina afro-brasileira podem sugerir nuances diversas da produção literária de mulheres negras, no entanto, por si só a existência desta produção se configura uma ruptura e uma insurgência contra discursos e práticas inferiorizantes e desumanizantes de que as mulheres negras têm sido alvo na tradição literária canônica brasileira.

A escrita foi majoritariamente apresentada como atividade privilegiada de homens brancos, escolarizados, classe alta e média, *heteronormativos*. A eles cabia o direito e dever de

falar sobre comportamentos, ações e atitudes previstas para as jovens casadoiras e para as que já exerciam o papel de mães e/ou esposas (e também para aquelas que fugiam aos dois padrões e eram consideradas putas).

Às mulheres brancas cabiam recato e preocupação com filhos, agulhas e bordados; deviam obediência aos desejos e vontades de pais, irmãos, marido, filhos. Seus corpos e mentes deveriam estar a serviço de seus ‘donos’. À mulher negra eram impostas outras funções: trabalho árduo, satisfazer os caprichos de senhoras e senhores. Se a mulher branca era vista como ser humano inferior, à mulher negra era atribuída a desumanidade. Mulher e negra a ela cabia uma carga dupla de preconceitos e discriminações imputadas pelo racismo e sexismo heteropatriarcal. Sem poder falar sobre seus sonhos, desejos, sentimentos, enfim, sua vida, muitas mulheres negras viam no espaço religioso o único momento de salvaguardar suas subjetividades. No jongos, nos sambas, nos terreiros, nos reizados, maracatus e congados, elas fixavam os grafemas das memórias culturais que trouxeram para a diáspora. Ali cantavam, dançavam, falavam, trocavam ideias e experiências que salvavam suas memórias, sua religiosidade e suas culturas. Hoje, acrescentam a literatura como um dos espaços de expressão; em antologias e livros individuais elas falam de si e do mundo através de versos, contos e romances, por exemplo.

O mundo colonial e suas extensões contemporâneas destinaram à mulher negra antológicos papéis negativos de mãe preta, trabalhadora incansável, prostituta insaciável, todos eles marcados pela subalternização. A escolarização, o domínio da escrita, a atenção aos seus conhecimentos também foram outros direitos usurpados às mulheres negras. A contemporaneidade ainda insiste em atribuir a elas os mesmos papéis, cobrando resistência a dor nos postos médicos, capacidade de superar os vários obstáculos perpetrados pelo racismo, passividade e humildade no trato social, acusando-as por exemplo de atrevidas, barraqueiras, revoltosas ou escandalosas quando recusam explicitamente aceitar a subalternização. Os projetos de nação disseminados pela literatura não re-

presentavam (representam?) as mulheres negras como partícipes produtivas e importantes na “comunidade imaginada”; deste modo, precisavam tentar negar a humanidade das mesmas para criar uma ‘justificativa’ para a subalternização violenta e reservar apenas para seu grupo o ‘privilegio’ da humanidade. A imposição de modelos inferiorizantes ratificariam a expectativa de comportamentos e atitudes que facilitariam o processo de dominação branca e heteropatriarcal. São vários os exemplos de homens que, em prosa ou verso na tradição literária, se arvoraram a definir como deveriam se comportar e se expressar as mulheres negras.

Diante do intenso interesse de dominar e subalternizar as mulheres negras expresso por homens e por mulheres brancas, elas reagiram e reagem às imposições desenhadas pelo sistema de representação e praticadas no cotidiano. São vários os registros de insubmissão evidenciadas nas relações de trabalho, nas relações afetivas e nas relações sociais cotidianas em geral¹. Mesmo nos períodos mais adversos da escravização elas buscaram alternativas de sobrevivência nas brechas do sistema; a insubmissão, explícita ou velada, foi uma das armas mais utilizadas neste processo e garantiu pequenas vantagens.

Já que não tinham acesso à escolarização e ao domínio da escrita, a oralidade tornou-se um meio efetivo de expressão das mulheres negras, daí as casas de samba, de jongo, os terreiros, os quilombos se constituírem instituições de resistência, de participação ativa das mulheres negras. Músicas, cantos e contos e histórias, troca de conhecimentos práticos e religiosos reconfiguraram suas subjetividades como estratégias de resistência e reexistência: “Tristeza foi assim se aproveitando/Pra tentar se aproximar/Ai de mim/Se não fosse o pandeiro, o ganzá e o tamborim/Pra ajudar a marcar (o tamborim)”² cantará anos mais tarde a compositora Jovelina Pérola Negra reiterando que as atividades culturais constituíram produtivas

vias de preservação da humanidade das pessoas negras. A pesquisadora Ana Lúcia Silva Souza, em sua tese de doutorado, caracteriza como “letramentos de reexistência” as estratégias de uso da oralidade e da escrita por jovens do hip hop para reconfigurar suas histórias, práticas e discursos a partir da recusa a discursos e imagens inferiorizantes que lhes foram atribuídas (2009). Entendo a escrita de mulheres negras como intensos exercícios de reexistência produzidos no intuito de reescrever e criar uma literatura que exige outras categorias de análise, diferentes das privilegiadas pela crítica literária hegemônica. Uma escrita recorrerá a “tambores” e “pandeiro”, ou seja, fará uso de linguagens e estilos que viabilizem a exposição de sua heterogênea criatividade.

As mulheres de ganho (escravizadas e livres) que circulavam vendendo alimentos pelas ruas de cidades do Brasil como Salvador e Rio de Janeiro aproveitavam este trânsito para investir em estratégias diversas de negociação de liberdade para si e para alguns familiares, ou ainda para obter pequenas vantagens no perverso contexto da escravização. Por outro lado, no mesmo século XIX, observamos outras formas de inserção na vida social, a exemplo da escritora Maria Firmina dos Reis que exercia o magistério primário no Maranhão e escrevia em jornais da província; possivelmente outras mulheres negras, que exerceram esta e outras profissões, também escreveram e publicaram alguns de seus textos que foram desvalorizados e ‘esquecidos’ pela história.

No século XX já encontramos registros de um número maior de mulheres negras que publicavam em jornais, revistas, muitas delas voltadas para discussão das configurações das relações étnico-raciais no seu tempo. Antonieta de Barros (1901 – 1952) é considerada uma das primeiras jornalistas negras no Brasil, vez que dirige e escreve em jornais desde a década de 20 do século XX. A escritora Gilka Machado (1893-1980), desde 1915, publica livros de

1 Livros como *Caetana diz não*, de Sandra Luaderdale Graham; texto como *A carta da escrava ‘Esperança Garcia’ de Nazaré do Piauí*, de autoria de Élio Ferreira; ou de Maria da Penha Silva, *Mulheres negras: sua participação histórica na sociedade escravista*, são exemplos de estudos que se debruçam sobre a insurgência de mulheres negras no sistema escravagista no Brasil.

2 Letras da composição musical Sorriso aberto de autoria de Adilson Barbado e Jair Jorge Portela.

poemas e escreve sobre literatura para a *Gazeta de Notícias*; além de engajar-se na luta sufragista, participar da fundação e atuar no Partido Republicano Feminino³. Ruth Guimarães (1912-2014), paulista formada em Letras e em Arte Dramática pela Universidade de São Paulo, trabalhou como jornalista e escreveu durante vários anos colunas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. É autora do romance *Água Funda* (1946) e possui vários livros publicados, além de títulos recém publicados como, *Contos Negros* e *Contos Índios; Contos do Céu e da Terra e o inédito Contos de Encantamento*.

Os finais da década de 1940 nos apresentam nomes de outras mulheres participantes de movimento antirracista no Brasil, como Maria de Lurdes Vale Nascimento, Ruth de Souza e Lea Garcia, participantes da fundação do Teatro Experimental do Negro - TEN, e empenhadas tanto na criação de escolas como na luta pelos direitos da mulher negra empregada doméstica. Segundo estudo de Pollyanna Fabrini⁴, muitas mulheres que participaram desde os primeiros momentos do TEN eram empregadas domésticas e lideravam movimentos em prol de seus direitos em uma sociedade ainda saudosa do escravismo. Guiomar Ferreira de Mattos e Maria de Lurdes Nascimento, participantes do grupo, atuavam intensamente nessa causa. Maria de Lurdes Nascimento, por exemplo, foi responsável pela coluna intitulada “Fala Mulher”, no jornal *Quilombo* e assinou 8 matérias, todas sobre temas atinentes à situação das mulheres negras, com ênfase na necessidade de conscientização das desigualdades raciais e de gênero e no incentivo à participação das mulheres na vida social e política do país.

Considero que a escrita, literária ou

não, de mulheres negras no Brasil, de certo modo, tem seus antecedentes na produção de mulheres como Maria Firmina, Gilka Machado, Maria de Lurdes Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Anajá Caetano⁵, entre outras. É uma escrita prenhe de temas e sentimentos; ao falar de si, cada mulher compartilha experiências que são simultaneamente próximas e diferentes. Os amores, as alegrias, as histórias, as insatisfações, as reações compõem um painel multifacetado, impossível de ser fixado em um desenho único.

No século XXI, as escritoras negras ampliam bastante o espaço de divulgação e publicação de seus textos. Inserem-se em várias antologias de literatura, publicam em periódicos e revistas de literatura negra, são indicadas e ganham prêmios literários, têm seus textos estudados em dissertações e teses. Algumas de suas obras são traduzidas e circulam no exterior e, com o acesso à internet, publicam em sites, blogs e redes pessoais. São exercícios de escrevivência e reexistência que irão dar pistas da diversidade de suas experiências de vida; esses textos ganham uma visibilidade ainda restrita mas representam um avanço com relação a tempos anteriores. As textualidades de autoria de mulheres negras servem de impulso para que outras e outros reajam com veemência ao racismo, ao sexismo, ao extermínio e a todo tipo de discriminação. Elas investem no texto escrito como forma de “erguer suas vozes”, uma estratégia para forçar os estudos das letras a se debruçar sobre textos que corajosamente confrontam normas e regras instituídas; têm obrigado o sistema literário a observar a pluralidade e diversidade de suas falas.

Os esforços empreendidos pelas mulheres negras para publicar seus textos inserem-se nas suas lutas pela reexistência, por reconfigu-

2 Pesquisas desenvolvidas por Tauana Olívia Gomes Silva e Gleidiane de Sousa Ferreira apresentam, nos anos 1920, duas mulheres negras ativistas que publicaram em jornais da época: Almerinda Farias Gama e Maria Rita Soares de Andrade que participaram da criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino; além de Maria Brandão dos Reis e Maria José Camargo de Aragão, atuantes na Federação de Mulheres do Brasil e no Partido Comunista Brasileiro.

3 Ver: Marginalização das Mulheres Negras Na História, em *Re (existência) intelectual negra e ancestral. Anais do X COPENE*, Uberlândia, 2018, Podem ser citados ainda os nomes de Arinda Serafim, Elza de Souza, Marina Gonçalves, Ilena Teixeira, Neusa Paladino, Maria d’Aparecida, Mercedes Baptista e Agostinha Reis.

4 A respeito de produção romanesca de autoria de mulheres negras no Brasil, veja-se o livro *Silêncios prEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)* de autoria de Fernanda R. Miranda. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

rar-se não somente recusando a estereotipia, mas também evidenciando as estratégias usadas pela sociedade para tentar emudecê-las e torná-las ausentes do universo da produção de conhecimento, como sugere bell hooks (2019).

Neste sentido, a produção de mulheres negras contemporâneas configura-se como grito que reage à imposição de temas sobre os quais falar, ao desprezo, à indiferença ou ainda à desqualificação da voz que falou ou escreveu. A poeta Eliana Cruz, em poema intitulado Primeira pessoa, verseja sobre a importância da fala preta como ato corajoso de insurgir-se contra o ‘não’, de conjugar os verbos na primeira pessoa, arrebatando o lugar de sujeita: “Minha palavra sempre aprisionada/Outros ousavam tomar: Não diga, não fale,/ Não conte você de sua dor./ Não narre, não clame, /Não brade histórias da sua cor./ Imperativos, ordenavam:/ Disso fala ele, disso não falas tu.// Hoje ninguém me emudece./ Audácia que a vida teceu./ Hoje sou toda pescoço, toda alvoroço./ Um fruto da longa jornada,/ Da colossal cavalgada na conquista do EU”. (CN 39, 2016, p. 109)

Ao desafiar as falas que desautorizam seu discurso, a sujeita poética ergue o corpo e a voz para propor outras interpretações das histórias variadas de que participou, como já resaltei; textualidade desvela-se como um campo de múltiplas falas e linguagens, de múltiplos sentimentos, de diversas interpretações de si, do grupo, do Brasil, Não aceitam obediência aos modelos temáticos ou expressivos que tentam controlar a voz da mulher negra: “nunca soube como costurar observações em poesia/ mas aprendi que uma bússola nunca me serviria/ para traçar uma estrada” dirá a poeta Louise Queiroz em poema sem título (2019, p. 50).

Assim, sem bússolas ou regras são apresentadas sujeitas poéticas livres que escolhem seus caminhos para o amor, livres para criticar, livres para recontar histórias e reinventar-se, contestando estereótipos e/ou imagens idealizadas. De acordo com Patrícia Collins, no texto *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*, o processo de empoderamento de mulheres ne-

gras estadunidenses, que pode ser apropriado para analisar o empoderamento de outras melhores da afro-diáspora, envolve a necessidade de documentação das vozes do passado e também de reinterpretação das mesmas no presente e do passado:

Uma afirmação da importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras é o primeiro tema chave que permeia declarações históricas e contemporâneas do pensamento feminista negro. Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016)

Collins e outras intelectuais negras que abordam a importância das propostas de um feminismo negro ressaltam que ao se assenhorar da voz, da fala, da escrita as mulheres negras além de rasgar os projetos masculinos heterossexuais e brancos, também desautorizam aqueles que almejam desenhar modelos, controla-las ou instituir caminhos, “bússolas” para suas histórias e vidas. Elas produzem exercícios de escrevivência, retomando aqui a categoria de análise proposta por Conceição Evaristo: escrevem a partir de suas histórias vivenciadas e compartilhadas com outras mulheres no presente e também no passado; resultado de um processo de escuta e escrita simultâneos que vão delinear os modos diversificados como as mulheres negras definem seu (s) Eu(s). A escrita literária tem sido uma ferramenta usada por escritoras negras para proceder a autodefinição; cada uma escolhe a definição que naquele momento melhor se lhe adequa. Definições mutáveis que acompanharão seus processos de vida. A poeta Vania Melo considera-se “ Borboleta preta”: Partilho dilemas/sou a vida de muitas/ toda Preta, Borboleta intensa/ breve vida Preta e tensa/ ainda querem cercar meu voo,/ mas sigo escrevendo o que quero/ pousando em breve via minha pala/ não para,/ Borbo-

leta Preta malha/ minha escritanavalha,/ me atravessa e não me cala/ me renova a fala, no-bre espada/ que corta fria a cara dos cana-lhas” (Melo, s/d, p. 67).

“Escritanavalha” que se propõe a ras-gar os projetos de mulheres veiculados por ou-tras pessoas, uma escrita que sente necessida-de e obrigação de criar outro regime de verda-des e, a partir deles, reinventar e reinterpretar as histórias. Histórias diversas que se ligam ao presente, ao passado e sonham com o futuro. Jovina Souza também investe no processo de reinvenção de histórias: “Pego o papel e sou deusa. Invento o mundo. / Nem sempre escrevo o que o mundo me dá // (...) Crio outros mun-dos para renegar o que esse/ mundo nos traz, fazer desvios”, (2017, p.65)

Atentas às práticas de uma sociedade que mata todo o dia um grande número de jovens negros, torna-se impossível silenciar sobre a violência: questão traumática que faz parte do cotidiano de pais, mães, tias, avós, irmãs de jovens negros e presente no Poema para mãe preta, a poeta Jovina Souza registra a dor das mulheres/mães: “Ela é fênix menina do mundo preto, / criando filhos no vai e vem da marreta./ Lábios feridos a mastigar a dor diária/ nes-sas rotas brasileiras de pobreza/ E violada tam-bém pelos machos pretos.// Todo dia, sai em defesa de suas crias./ luta vã com o predador voraz que vigia” (2017, p. 48).

A violência policial que mata sem pie-dade os jovens negros, o feminicídio que ceifa a vida de mulheres negras a cada dia, o encarceramento de homens e mulheres negras, a homo-fobia são temas que fazem parte da agenda de preocupação das pessoas negras no Brasil e na diáspora. São inúmeras as famílias que perdem entes queridos/as no processo institucionaliza-do que não pode ser e não é ignorado pelas es-critoras negras no Brasil. Tema e dor constan-tes na poesia de Livia Natália a exemplo do poema Elegia: A morte sempre me dói, num descampado, / descobre em minha pele fina, / searas abertas para as lágrimas/ Lasca fundo o gorgomilo/; e fere os miúdos de mim/ com unhas grandes. (2016, p. 69). Impossível não tematizar com dor e raiva a violência que mata

um jovem negro a cada 23 minutos! Lislia Lud-mila, jovem poeta da periferia de Salvador, vê de perto a violência de Salvador e no poema Sociedade de fazer dor, expressa sua indigna-ção: “País lgbtfóbico, machista e racista/ Se prepara que nós tá na pista/ Nós subimos ladei-ra descemos o morro/ porque cansamos de só gritar socorro/ agora que chegamos aqui/ Se preparem, vocês vão ter que ouvir/ A dura rea-lidade que é ser “minorias” por aqui. (2018, p. 95)

Tatiana Nascimento, no poema a dança dos mortos, nos convoca para um movimento que desliza entre a dureza passado e presente, entre vida e a morte, entre a dor da perda e a alegria da sobrevivência, rompendo com bina-rismos redutores, a fixação de uma identidade da mulher a partir de um perfil físico/ fisiológico.

a dança dos mortos:
eu tenho a razão no passado,
o futuro nos sonhos,
y o corpo numa
brecha do espaço-tempo
[#ElaNãoEstáMais]Presente¹:
veio com útero, mas nem
por isso me chamo
mulher
; eu também quero furar
aquellos muros eu tam
bem sou feita
de ar
de verve
___ tédio y
de medo eu
já dancei a coreografia
lenta quando amor
te acord a vida
, eu tam
bem atraves
sei aquele mar sem colete
nenhum.

notas:

¹nos deixem celebrar
que estamos vivas não
venham carpidar nossxs
Eguns: 13/04/2016; 14/03/2018

As produções poéticas citadas, entre poe-sia e crítica social, perfazem exercícios de rees-

crita de suas histórias nos quais lidam com duas das importantes categorias atuantes na configuração das suas identidades: o racismo e o sexismo que insistem em tentar desvalorizar, ignorar os atributos da mulher negra, entre eles sua humanidade e espiritualidade como afirmam Yanick St. Jean e Joe. R. Feagin no livro *Double burden: black women and everyday racism*, (1999). Partindo de entrevistas com mulheres negras estadunidenses, discutem e analisam vários modos como as vidas de mulheres negras são fortemente afetadas pelo racismo e sexismo, seja no tocante ao trabalho, às questões familiares, maternidade, sexualidade, estéticas, entre outras. No livro são apresentadas também as estratégias utilizadas pelas mulheres negras para superar as dificuldades e resistir bravamente à indiferença e à tentativa de silenciamento impostas pelos homens em geral e pelas mulheres brancas. O texto aborda questões que foram levantadas por mulheres negras no Brasil também afetadas pela suposta superioridade masculina e pelo racismo que cimentaram e ainda cimentam as bases da sociedade ocidental; apresentadas em papéis fixos de serviços: domésticas, prostitutas; de toda forma, são supostamente corpos disponíveis para satisfazer os desejos de outrem. Suas subjetividades, desejos, sentimentos, capacidades são ofuscadas e ignoradas na tentativa de impedi-las de reexistir enquanto ativas sujeitas que reinterpretam a si e a sua história. Mas na literatura, e fora dela, encontramos falas que resistem: textos publicados no periódico *Cadernos Negros*, (publicação importantíssima para o entendimento da literatura negra produzida no Brasil), em fins da década de 1970 e início de 1980, enfatizam a necessidade de a voz da mulher negra conquistar o seu devido lugar; o número 1 apresenta poema de duas autoras, Celia e Ângela, ambas publicam 5 poemas e no conjunto de seus textos já reivindicam a voz insurgência. O poema Retratação de autoria de Ângela sugere uma comparação entre os modos de representação da mulher e da mulher negra, apontando os efeitos do sexismo e do racismo nas imagens circulantes: “bela/desejável/atraente/mulher/mulher negra/negra mulher/

oprimida/tangenciada/ traída e / enxovalhada/ usada, / manipulada// mulher/ submissão/ negra inferiorização// o peito latente/ clama/ a boca tapada/ geme/ o coração magoado/anseia/ e luta/ e sonha/ e espera/ espera... (CN 1, 1978, p.12). Os *Cadernos* têm publicado até hoje um número maior de contos e de poemas de autoria feminina porém ainda a maioria dos textos de autoria masculina - o que pode significar que as mulheres que se constituem maioria nas comunidades negras ainda não se sentem devidamente ‘autorizadas’ ou encorajadas a erguer suas vozes e demonstrar que suas experiências e a reflexão sobre elas lhes conferem a possibilidade de agir como sujeitas do conhecimento.

Mulheres como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, pelos idos da década de 80 do século XX, combatendo o racismo e sexismo, em vários textos, propunham a insurgência contra as práticas sociais discriminatórias e contra a fixação redutora dos papéis que elas podem exercer na sociedade; para Lélia, somente organizadas enquanto mulheres negras seria possível às amefricanas demonstrar que, “do abismo do seu anonimato, têm dado provas eloquentes de sabedoria” (2018, p.366). As reflexões de Gonzalez podem dialogar com as ideias apresentadas na literatura afrofeminina da década de 1980 que também reivindica para as sujeitas poéticas um lugar de agente, no poema Nau dos passos, publicado em 1988, Miriam Alves diz:

Nos caminhos naus
 Atrevo espaços estreitos
 Palavras agudas ricocheteiam no aço escudo
 da cisma
 Aguço sentidos
 Brilha a eternidade
 construo trilhas. (CN 11, p. 50)

As trilhas desbravadas pela poeta e suas contemporâneas têm contribuído para forjar o olhar crítico para as especificidades das discriminações sofridas pelas mulheres negras nas lutas contra a opressão de gênero e de raça. Segundo Sueli Carneiro, este movimento:

vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enri-

quecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. Esse novo olhar feminista e anti-racista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. In: *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero*. (CARNEIRO, 2003)

Os poemas de Jovina Souza, publicados nos *Cadernos Negros* n. 37 expressam que a voz poética negra vive em contínuo exercício de combates; exercício de reinventar-se a cada dia e a cada situação difícil que se lhe apresenta, um difícil exercício em que os medos, feridas e angústias são superadas pelo fio cortante de sua voz e seu corpo em movimento: “Sei dos perigos do caminho/ Mas meu medo é fraco, não/ Resiste à minha decisão de ir./ Sei o que posso nessa rota/De cacos de vidro que abrem/ Feridas/ Eu tenho as unhas cortantes, / Não receio as redes-armadilhas/ Para meu eu negra mulher/ Vou leve, disfarçada de frágil/ sem temer as superfícies ásperas,/ Nem os subterrâneos espinhentos./ Pois troco meu casco como a serpente/emplumada, e assim alcanço águas doces/ Pra ressurgir mais forte e perigosa./Sem perder o encanto de voltar a serenar/ Ter alma plácida e vida fecunda todo dia.(2014, p.135)

As expressões e imagens escolhidas pela poeta tais como “medo fraco”, “resiste”, “unhas cortantes”, “não receio”, “disfarçada de frágil” não escondem a agência de uma sujeita poética que não foge da luta e que é capaz, ‘como a serpente’, de renascer e ressurgir das cinzas pronta para combater as imposições

que investem contra seu eu. Podemos afirmar que as poetas negras feminizam e enegrecem a literatura brasileira; e nestes processos promovem, quase à força, significativas alterações no sistema literário brasileiro. A poeta Vania Melo contesta imagens que desejam controlar a vida, os desejos e corpo das mulheres negras no poema *Divindade: Deus impronunciável na boca dos imperfeitos/Dona Santa, mais respeito!/ A carne é puta,louca e ladra/enfrenta a pau e pedrada/ a alma me pertence, é Dourada/ de água rubra, leque na mão pra qualquer parada/ o corpo é meu, ateu, errante,/gozo constante/ se eu rebolo o short curto, a bunda é minha, desconverso,/ traço um plano, ninguém adivinha, transverso/ não dou trela para conspirações, querelas. /É rosa, é mato, é erva daninha.* (2018, p.35).

Na proposição de usos temáticos e da linguagem por escritoras negras, a poeta Tatiana Nascimento propõe “cuirlombar” a literatura, a cultura e a história negras; falando enquanto poeta negra lésbica desafia qualquer fixidez na fala poética e/ou cultural de mulheres negras e assim, dialogando com a história de outras mulheres, cria uma categoria de análise para a literatura negra capaz de apresentar outras versões da história e assim combater e libertar-se das amarras coloniais “htcissexualizantes” e afirma:

daí minha pira com queerlombismo > cuí-erlombismo como esse aqueerlombamento, processo de nos constituirmos através/a partir da palavra como queerlombo > cuírlombo, em que o remontar-se/recriar-se pelas palavras e o seu compartilhamento é um fazer mítico no sentido mais fundacional do termo: nos reinventamos não só apesar do silenciamento colonial htcissexualizante mas contra ele e (essa parte é a mais importante pra mim) a partir de nossas próprias narrativas ancestrais, desenterradas da memória que as histórias malcontadas guardam, florescidas na pungência que nossos corpos e desejos brotam de Erzulie Dantor a Vera Verão – reorganizar nossa própria história, nossa própria narrativa, nossa própria subjetividade. (...) é dessa assunção de resistência quilombola como exercício de liberdade que desdubro a noção de queerlombismo relacionada a

uma responsabilidade: pelo direito de ser, de existir a negritude a partir de nossa identidade pessoal e histórica sexual/gênero-(des)identitária; resistência sim, e (re)organização também. (NASCIMENTO, Palavra, Preta!)

Para a autora a literatura é uma dessas artes na qual invenção, afeto, sonhos, alegrias política, sexualidade se conectam em:

palavra afiada que não só corta os véus da história engessada, mas corta os laços com um futuro em que não podemos existir, sequer ficcionalizar. que (sic) nos desconecta de um projeto de mundo que não só quer que a gente morra – quer que a gente não sonhe. porque reagir à dor também tem que ser curar a dor, e porque recusar o projeto colonial htcissexualizante é refundar nossas próprias práticas/experiências/ subjetividades negras cuêr, (...)assim como nossa dissidência sexual preta na diáspora, é tecnologia-ancestral dazantiga, é cuêr-lombista afrofuturista. (NASCIMENTO, Palavra, preta!)

A poesia afrofeminina neste sentido exerce um papel duplo na crítica incisiva ao projeto colonial e suas imposições e ainda à recriação de práticas e linguagens artísticas dissidentes. Também é um exercício de esgrima, uma luta contra os sentidos cristalizados, contra a imagens fixas, exercício de esgueirar-se atentamente contra os golpes da linguagem e das convenções literárias para descobrir a “palavra debruçada/ sobre a arcada do indizível” (2019, p.26) no dizer da poeta Louise Queiroz. Os versos do poema Taipa (o big-bang do criacionismo) de Tatiana Nascimento propõem outros sentidos para ações e sentimentos: curar não significa nunca mais/ vai doer/ feliz não significa nunca mais vai chorar/ ser forte não é rigidez/ (aquebrantável; tem alguma coisa/ na fragilidade, pra se/ aprender).

Para as mulheres negras, as artes não implicavam apenas em lazer, sempre se constituíram exercícios contínuos e criativos de reexistência, um misto de resistir e re existir, de fundir alegrias e tristezas, cotidiano e sagrado, de ressignificar a própria experiência como vemos no poema de Jovina Souza:

Não é sempre que encontro o sol
tampouco falo com anjos toda noite
Entro nas tempestades, afundo navios.
Mato os piratas, liberto minhas alegrias.

Tenho péssimas relações com a tristeza,
Entendo é de fazeres necessários.

É porque conheço as benzeduras e os ebós
Que enfrento o diabo no trono da sua casa.
Depois vou passear na floresta,
Comer o lobo mau ao som de pintassilgos,
Descansar nas águas frescas das cachoeiras
E, parceira dos santos filhos, sempre mocinha
Vou indo. (2018, p.74)

As escritas de poetisas negras, sejam romances, poemas, contos, crônicas ou ensaios, não somente enegrecem o feminismo e feminizam o movimento negro, apresentam a diversidade registrada no registro plural da expressão “escritas afrofemininas”. São escritas criativas que se exercitam em desafiar os vários sistemas de representação, desenhar imagens e sentidos polifônicos para suas experiências, em exigir o reconhecimento da diversidade de seus desejos, sentimentos, desafios, ações e práticas. Constituem vozes criativas que oferecem à crítica literária categorias de análise como escrevivência, reexistência, cuêr-lombismo entre outras que permitem uma leitura destes textos à luz de outra tradição criativa. São escritas que, a cada momento, inventam estratégias para combater o racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia e qualquer outra tentativa de impedi-las de viver a plenitude de suas experiências de mulheres negras.

Referências

- ALVES, Miriam. Nau dos passos In: *Cadernos Negros*. São Paulo: Edição dos autores, n.11, 1978, p.50. *Cadernos Negros*. São Paulo: Edição dos autores, n.11, 1988.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma

perspectiva de gênero, 2003. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf Acesso em 22 de abril de 2020.

COLLINS, Patricia. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n.1. Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 5 de abril de 2020.

CRUZ, Eliana Alves. Primeira pessoa In: *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje n.39, 2016, p.109.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p.16-21.

FABRINI, Pollyana. Marginalização das Mulheres Negras Na História In: Re (existência) intelectual negra e ancestral. Anais do X COPENE, Uberlândia, 2018,

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social In: *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana*: Editora Filhos da África, 218, p.363-368.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista pensar como negra*. Tradução de Cátia Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JEAN, Yanick St. & FEAGIN, Joe R. *Double burden: black women and everyday racism*. New York; London: M. E. Sharpe, 1999.

LUDMILA, Lislia. Sociedade de fazer dor In: JESUS, Valdeck Almeida de. *Poéticas periféricas; novas vozes da poesia soteropolitana*. Vitória da Conquista, Galinha Pulando, 2018, p.95-96

NATALIA, Livia. *Sobejos do mar*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2017.

MELO, Vania. *Sobre o breve voo da borboleta e suas esquinas*. Salvador: Organismo, s/d.

FABRINI, Pollyana. Marginalização das Mulheres Negras Na História In: Re (existência) intelectual negra e ancestral. Anais do X COPENE, Uberlândia, 2018.

QUEIROZ, Louise. *Girassóis estendidos na chuva*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros artes e café/ paraLeLo13S, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. Da literatura negra à literatura afrofeminina. In: *Via Atlântica*, n. 18. São Paulo, 2010, p. 91-102. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743/54849>

NASCIMENTO, Tatiana. Da palavra queerlombo ao cuêrlombo da palavra In: *Palavra, Preta!*, 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/author/tateann/> Acesso 22 de abril de 2020.

NASCIMENTO, Tatiana Taipa (o big-bang do criacionismo In: *Palavra, Preta*. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/author/tateann/> Acesso 22 de abril de 2020.

SOUZA, Ana Lucia da Silva. Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop. (Tese de doutorado em Linguística Aplicada) UNICAMP, Campinas, 2009. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269280>.

SOUZA, Florentina da Silva. *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, 2019.

SOUZA, Jovina. *O caminho das estações*. Itabuna: Mondrongo, 2018.

Como Citar:

DA SILVA SOUZA, F. D. Escritas de mulheres negras: exercícios de escrevivência e de re(exis) (sis)tência. *Revista Cerrados*, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.38376>